

CIDADE, PERIFERIA E CULTURAS POLICENTRICAS

Nízia Maria Villaça¹

Resumo: O texto “Cidade, periferia e culturas policentricas” busca por em relevo as novas articulações que se estabelecem entre cultura, corpo e cidade no desenvolvimento dos processos de subjetivação individuais e coletivos. Uma nova semiose se impõe entre emoções e afetos que desalojam a cultura dominante herdeira do iluminismo mobilizando todo um imaginário urbano regido pelos jovens e pela periferia.

Palavras-chave: Cidade. Culturas Extremas. Periferia.

Abstract: This essay tries to underline the new relations between culture, body and urban space in the development of the collective and individual subjectives in our days. A new sensibility appears moved by affects that mobilize the illuminist heritage, through the actions of the periphery and youth extreme audacity.

Key-words: City. Extremes Cultures. Periphery

Nossas considerações sobre a cultura midiática buscam uma metodológica polifônica, contrária ao pensamento holístico ou às estatísticas comprobatórias. O objetivo é positivar as diferenças e acentuar os traços de desordenação das produções contemporâneas, notadamente juvenis, embora esta categoria não possa ser sintetizada numa subcultura e encontra-se em franca reconfiguração. Não se pretende trabalhar com conceitos de identidade cultural, subcultural ou contracultural já que, como bem acentua Canevacci,² tais conceituações não são termináveis. Interessam-me, sobretudo, os artistas diaspóricos, arquitetos dissonantes e outras tipologias caracterizadas pela diferença. Tomando o termo cultura e relacionando-o à contracultura e à subcultura, a proposta é retirar a totalização implicada no conceito de cultura, abdicando também do movimento revolucionário da contracultura e da submissão de várias subculturas a um grau de cultura superior. Tal modelo não funciona mais. A dicotomia cultura hegemônica e cultura subalterna dissolveu-se, notadamente, a partir dos anos 90.

Por outro lado, as culturas que chamamos de “extremas” são policentricas, movidas pelo afeto e não se interessam pelo contra que se incluía na transformação política do mundo.³ Se a cultura ligava-se à expressão do caráter nacional, a subcultura herdava os limites do conceito de cultura de que era parte. Referindo-me às comunidades periféricas a partir deste

¹ Professora do Departamento de Letras e Expressões da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: nmvillaca@uol.com.br.

² CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas*: mutações juvenis nos corpos das metrópoles; tradução Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

³ SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis*: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2006.

questionamento, pergunto se não existe uma perigosa homogeneização quando falamos de tais grupos, efervescentes de diferenças que absolutamente não coincidem com as versões midiáticas uniformizantes para o bem ou para o mal. Para afastar o perigo das diferenças as ciências sociais estruturaram-se em torno da defesa da identidade, selecionando o homogêneo em detrimento do heterogêneo, uniforme contra o fragmentário, o singular contra o plural, as conexões contra as disjunções.

No exercício da pesquisa de campo de comunidades “periféricas”, uma das primeiras descobertas é o encontro de diferenças, segmentos, parcialidades e fragmentos. O sub é plural e não inferior, como se poderia pensar a partir de uma leitura gramsciana. Perde-se a versão realista, própria do século passado, cuja função era caracterizar tipos, confirmar classes e posições sociais. Também não é o cenário romântico, reduplicando os humores das personagens e afirmando a identidade exuberante do solo nacional ou mesmo o espaço do modernismo, mais preocupado com a visão política da afirmação do nacional. Não mais uma ideologia homogeneizante, generalizadora, produtora de totalidade já dada, mas o espaço como alteridade provocadora de novas inserções.

A fisicidade geográfica perde sua estabilidade e passa a ser visivelmente elemento coestruturante da subjetividade contemporânea nas diversas fases da crise por que passa: da desertificação do “eu”, engolido pelos simulacros da cena americana, aos investimentos mais inesperados, como assinala Pierre Sansot no livro *Les gens du peu*.⁴ Perde-se o padrão – ouro de avaliação do espaço. Entra-se em uma espécie de transespaço camaleônico.

Para Octavio Ianni,⁵ a dispersão mundial dos processos produtivos é acompanhada pelo desenvolvimento de recursos informáticos de integração, também em escala mundial. A informática e as telecomunicações desempenham um papel importante no processo das transformações urbanas, acelerando ritmos, generalizando articulações, abrindo novas possibilidades de dinamização das forças produtivas, criando meios rápidos, instantâneos e abrangentes de produção e reprodução material e cultural. O mundo adquire características de uma imensa fábrica, acoplada com um vasto *shopping center* e colorido por uma enorme Disneylândia. Tudo isso polarizado na rede de cidades globais desenhando o mapa do mundo.

A tensão entre o cosmopolitismo e o localismo progressivamente se acentua, culminando na descaracterização da própria cidade como centro aglutinador das experiências, produção e reflexão da condição moderna. Ao modelo fordista adiciona-se, no cenário pós-moderno desse final de século, a especialização setorializada do capitalismo flexível em que

⁴ SANSOT, Pierre. *Les gens du peu*. Paris: PUF, 1991.

⁵ IANNI, Octavio. *A era do globalismo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 70.

os centros de produção são dispersos e a correlação entre operário e indústria se fragmenta na medida em que as referências espaciais e os agrupamentos de classe são desestabilizados. A modernidade parece sacudir as paisagens do imaginário desenhando estranhas cartografias descentradas ou, paradoxalmente, as metrópoles acabarão por tornarem-se favelas como afirma Mike Davis,⁶ num espaço contínuo.

Interpretar a multiplicidade das experiências urbanas das metrópoles significa avaliar os sinais da modernidade contemporânea sem recair no determinismo tecnológico de uma distopia esvaziada de significação. Entretanto, em confronto com a indiferenciação e a desertificação promove-se, tanto na arquitetura que abandona o ideário funcionalista quanto nos movimentos de bairro, grupos e associações públicas e privadas a importância da sustentabilidade com apelo à cultura como processo gerando solidariedade e sendo vetor de uma economia criativa e ativa.

A cidade nos contextos globais

Pensar a cidade hoje em tempos de globalização e a aceleração das trocas impõe o recurso à discussão do paradigma comunicacional e sua capacidade de construção de sentido; impõe o apelo aos estudos culturais para pensar a ordem e a desordem, a identidade e a diferença já que a cultura se constrói exatamente no trânsito entre esses pólos; impõe pensar as estratégias do consumo que imprimem ao imaginário contemporâneo uma mobilidade que não se deixa aprisionar pelas organizações classistas e que vivem de apropriações e negociações inesperadas. A leitura do mundo se processa sempre mais por meio de uma semiologia em que a pegada publicitária, o gosto pelo espetacular, pelo assombro, tanto pode criar uma congestão informacional, como linhas de fuga ao paradigma dominante. A cultura torna-se central neste processo urbano inscrito no mundo globalizado e o corpo e suas próteses participam e promovem sua dinâmica. As cidades se articulam ao panorama internacional sem deixar ter suas preocupações primordiais ligadas à proximidade e à capacidade criativa em seus territórios. O local e o global se recriam em contextos virtuais e também de proximidade: praças, ruas, bairros e cidades concretas relacionando o local e o global, a memória e a inovação.

A cidade contemporânea, portanto, se expande hoje nas periferias que constituem um formidável e heterogêneo movimento de formas, paisagens, modo de organização e modo de vida. A periferia oferece um potencial de experimentação tanto para os atores que as constroem, como pelos habitantes que as vivem e os pesquisadores que as analisam. Participa

⁶ DAVIS, Mike. *Planeta favela*; tradução Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.

do complexo da reorganização da cidade e é importante orientar a pesquisa no sentido não das categorias fechadas (centro e periferia), mas das situações de transição, evocando novas potencialidades. As periferias parecem obrigar os pesquisadores a pensar fora das categorias estabelecidas. Por outro lado e paradoxalmente, essa construção desses espaços se inscreve também numa dinâmica de uniformização, proveniente de modelos internacionais. É sobre este jogo entre normalização e inovação que nos perguntamos. Qual a responsabilidade dos atores políticos, das mídias, dos arquitetos urbanistas, dos geógrafos, nesta produção de sentido? Assim, nossa questão refere-se ao jogo dialético inovação/normalização no seio das periferias urbanas, tendo a moda como vetor. Seriam as periferias territórios à deriva? Territórios a serem contornados, barrados, murados? Ou nelas encontramos provocações para novos modos de funcionamento urbano que nos obrigam a pensar fora das categorias estabelecidas fugindo das classificações imobilizantes?

A globalização traz em seu bojo uma abertura dos processos de identidade, uma grande variedade de “posições de sujeito”. Nas sociedades da modernidade tardia, a concepção de identidade é mais perturbadora e provisória, caracterizada por rupturas, descontinuidades e deslocamentos, em oposição às sociedades tradicionais que perpetuavam o passado. Áreas diferentes do globo são postas em interconexão, desalojando o sistema social de suas relações espaço-temporais tradicionais, provocando novas articulações e uma concepção problemática de identidade. Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação, mais as identidades parecem flutuar livremente numa espécie de supermercado cultural. As novas tecnologias informáticas não são apenas instrumentos de percepção ou utensílios de produção, mas dispositivos de conexão e/ou de desconexão de formas onde o sentido se produz. Uma reciclagem atinge praticamente todos os domínios da cultura contemporânea, notadamente da tecnociência, da moda e das artes, com grande exuberância de processos de agenciamento das singularidades diferenciais.

É no interior desta dinâmica que o imaginário da moda vai, progressivamente, contaminando de homogeneização global, os lugares mais afastados e, simultaneamente, dotando de variedade locais a linguagem globalizada. A ação das cidades aparece como uma pedra angular da Agenda 21 da Cultura⁷, em que está é entendida como desenvolvimento solidário, luta pela liberdade, justiça e inclusão. O desenvolvimento local requer a imbricação

⁷ A Agenda 21 da Cultura foi aprovada em 2004 por cidades e governos locais de todo o mundo comprometidos com os direitos humanos, a diversidade cultural, a sustentabilidade, a democracia participativa e a criação de condições para a paz. In: *Revista Observatório Itaú Cultural / OIC*, n. 5 (abr/jun. 2008). São Paulo: Itaú Cultural, 2008. p. 14.

entre as políticas culturais e as outras políticas públicas, sociais, econômicas, ambientais e urbanísticas com a participação do cidadão. O item que fala de cultura, sustentabilidade e território é da máxima importância e se articula com a criatividade das periferias para a inclusão social. O reconhecimento da dimensão econômica da cultura deve possibilitar e contribuir para a identidade local, a atividade criativa e a continuidade do emprego. É importante que o documento Agenda 21 da Cultura tenha sido utilizado por muitas cidades para desenvolver a dimensão cultural de suas políticas urbanas, tal como Bogotá, Montreal e outras. Nosso foco vai em direção do incentivo à cultura nas dimensões citadas impedindo sua instrumentalização para fins publicitários no momento em que, sem dúvida, a periferia é uma das pautas do momento.

A corporeidade na cidade: da distinção ao estilo

O uso do termo corporeidade remete à complexidade do seu entendimento não só como biologia, cultura das aparências, mas também nas suas relações com o mundo como fator social total. O corpo não é objeto de conhecimento do qual se possa dispor, não é algo que se coloca diante de nós, mas faz oscilar a cesura que se tenta colocar entre o pesquisador e ele mesmo. A questão da corporeidade representa uma interrogação contemporânea à sociedade da imagem, fotográfica e cinematográfica no momento em que ela diz respeito tanto às sociedades que se constroem, quanto aos conhecimentos que estudam suas ficções. A pergunta chega junto com a crise da matriz cientista e a passagem do conhecimento à imprecisão, instabilidade e à emoção. No lugar da segurança, ameaça da abjeção. Ora, o urbano a que somos convocados hoje não é mais a cidade como território, como gestão de espaços, como distribuição de atividades, mas de uma relação à cidade onde a corporeidade desempenha uma intrigante evidência e impregna a cidade, perturbando as categorias clássicas (dentro/fora, privado/público, real/imaginário, aqui/lá). O urbano faz surgir não uma confusão, mas ambiguidade, temporalidade onde a fugacidade perene, o traçado invisível tornam-se elementos ativos na maneira de fazer e de sentir. Não é mais somente o indivíduo que se localiza na cidade. É uma relação consigo mesmo que se complica com a intervenção da aventura urbana. Novas relações com o mundo surgem e dão lugar ao indecível, ao indeterminado e ao indefinido, apesar do desejo contemporâneo de uma comunicação generalizada e transparente.

Focalizamos a moda como fator de mobilidade social e individual, atitude cultural que entre outras artes vem acentuar o caráter dinâmico da cena contemporânea, trabalhando com o imaginário de misturas. Agora ela passeia pela periferia. Lugares como Caxias, município da

baixada fluminense tornam-se *on*. Seu centro de confecções festejou o sucesso com desfile de Carlos Tufvesson em passarela estendida na Praça do Pacificador, foco do *Fashion Caxias*. Travestis desfilam na Mem de Sá criações próprias e param o trânsito da Lapa. Unhas postizas enormes, argolões dourados e lenço Louis Vuitton na cabeça, Luana Muniz declara enfática: “queremos mostrar que somos úteis e visíveis na sociedade”. A visibilidade urbana estimula a moda que, segundo Georg Simmel,⁸ se não quer mudar o mundo, pretende arrumá-lo com um novo olhar. Ela ressemantiza o espaço e, na sua dimensão simbólica, organiza a vida social por meio das aparências partilhadas pelos diversos grupos. A publicidade e o consumo são alguns vetores desta construção de superfícies em que o sentido desliza jogando com o *up and down* dos indivíduos e lugares. Ser *cutting edge* é importante para se distinguir da massa e, sobretudo, os jovens de tribos diversas parecem estar sempre prontos para um *clac*.

Tradicionalmente a moda tinha uma função de distinção, como acentuou Bourdieu,⁹ e os espaços e fronteiras acompanhavam a ordenação das classes, profissões, gêneros, faixas-etárias. Balzac soube ler essas diferenças. Na história, alguns movimentos que marcaram a moda encarnavam revoltas pelo estilo e a desconstrução do *mood* anterior. Patrice Bollon,¹⁰ em *A moral da máscara*, narra a verdadeira luta simbólica das diversas manifestações marcadas pelos artificios da aparência: *Merveilleux*, *Zazous*, *Dândis* ou *Punks*, são alguns dos exemplos.

Se os anos 50 pertenceram a Copacabana, primeira praia a lançar moda, nas décadas seguintes novos *points* da Zona Sul e do Brasil fizeram eco nos jornais, revistas e *blogs*, determinando atitudes e comportamentos. A importância das ruas na moda tem um momento chave nos anos 60, quando se desenvolve o *sport-wear* e a moda *unissex*. Londres dita moda. As butiques se disseminam. Carnaby Street ou Kings Road tornam-se verdadeiros cenários entre música contínua, luzes, num entra-e-sai em que o movimento da rua é incorporado ao comércio. Progressivamente, a cidade oferece novas possibilidades tornando-se sempre mais inesperada, transversal. Nem mão, nem contramão. Tudo parece ser permitido e a velocidade da mudança dos trajetos caminha em ziguezague. Sequencialmente acelerou-se a desconstrução das oposições e multiplicaram-se os *looks*, a partir de novos dados culturais. A moda de rua inspira *sites*, *blogs*, *fotologs* e as tendências são simultâneas e em rede.

⁸ SIMMEL, Georg. *La parure et autres essais*; traduction et presentation Michel Collomb, Philippe Marty et Florence Vinas. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l’homme, 1998.

⁹ BOURDIEU, P. *Distinction: a social critique of the judgment of taste*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

¹⁰ BOLLON, Patrice. *A moral da máscara*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

O movimento *fashion*, sempre mais fluido, parece obedecer a duas estratégias principais, uma delas conta as novidades como segredos e encontra verdadeiros cofres para os *fashionistas*. Ruas de bairros nem tão nobres escondem jovens estilistas que se associam para mostrar seus produtos. Em contrapartida, temos movimentos de ocupação geral como o *Fashion Rio*, São Paulo *Fashion Week*, feiras diversas e um pontilhado *kitsch* de camelôs. A construção do tempo/espaço urbano vai interferindo no imaginário das pessoas que se sentem aventureiras em suas descobertas das senhas de acesso *fashion* ou incluídas nas grandes festas. A cidade vira locação e cenário. Simultaneamente, o *shopping* vira cidade e a rua vira *mall*.

Diante do esfacelamento dos paradigmas que orientaram o projeto moderno de viés normativo na sociedade do consumo e do espetáculo, a moda se produz como arquivo e vitrine do ser/parecer, fabricando *selves* performáticos por meio de sutis recriações dos conceitos de verdade, de bem e de belo. Materializa-se uma est-ética.

O Rio midiático

A cidade responde aos nossos medos e desejos. É carne e pedra, pertence a nossa corporalidade e acolhe tantas versões quantos forem os olhares sobre ela; “de uma cidade não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá a nossas perguntas”.¹¹ A cidade torna-se um caleidoscópio de padrões e valores culturais, línguas e dialetos, religiões e seitas, modos de vestir e alimentar, etnias e raças, problemas e dilemas, ideologias e utopias.

O Rio de Janeiro é exemplarmente o resultado das narrativas que se criaram e se criam nas ciências sociais, na literatura, na música e, sobretudo, na mídia, em constante interação com a vivência de seus habitantes. O Rio colonial e sua transculturação mal ajambrada, sua lascívia e seus excessos fora do padrão da metrópole; o imaginário do luxo cosmopolita da capital federal se promovendo nos salões; a construção e promoção dos encantos naturais da cidade maravilhosa; e, mais recentemente, a explosão dos discursos sobre o Rio violento, sobre a cidade esquartejada, atravessada pela miséria. Impossível fixar hoje qualquer dessas imagens como preponderante. O Rio feito de *points* turísticos, o Rio que lança moda, é também o dos arrastões.

Diante do esfacelamento da realidade é comum ver a mídia produzir uma espécie de curadoria da cidade, conjugando a narrativa do Rio Maravilha, Rio do turismo e da moda e o Rio violento e marginal. Neste contexto é interessante apontar o aumento da variedade

¹¹ CALVINO, Ítalo. *Cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 44.

narrativa sobre a cidade que vai encontrar na periferia protagonistas para uma infundável repaginação. Nesta dinâmica surge tanto a voz das comunidades, quanto a da indústria cultural.

Carlos Diegues, promotor de “5 X Favela”, filme que vem agora dirigido por cinco habitantes da periferia fala da nova linguagem audiovisual do “cinema de retomada” sobre a periferia: “agora temos um ponto de vista diferente. Um ponto de vista de dentro está levando “5 X Favela” – agora por nós mesmos”¹² Este novo olhar sobre as favelas é uma constante onde a reurbanização substitui a erradicação e a exposição de abril deste ano no Museu da Casa Brasileira, “Cidades Informais do Século 21”, dá pistas sobre esta mudança. A mudança começou no Rio que em 1968 urbanizou três favelas: Brás de Pina, Mata Machado e Morro União, gerando em 1994, Favela-Bairro. Remoção agora só quando se trata de área de risco. O programa pioneiro da Favela-Bairro marca o fim da influência do modernismo na urbanização, que previa um modelo único de cidade e encarava a favela como um desvio a ser corrigido, como sublinhou Sérgio Magalhães que atuou no programa brasileiro nessa área www.mcb.org.¹³

Hoje, a mídia dá destaque espetacular às mudanças das favelas e à valorização dos imóveis em seu entorno. Tal fato parece desviar-se do espírito da Agenda 21 para deixar que o fator econômico se transforme no vetor principal das negociações. Compram-se casas, alugam-se lajes para festas, contratam-se *castings* para desfiles, descobrem-se talentos exportáveis. Torna-se missão delicada o diálogo sobre sustentabilidade, transculturação e cultura cidadã. A favela Dona Marta é a grande vedete, a favela show e, de alguma forma, está exigindo maior reflexão sobre a euforia narrada pela mídia onde matéria de página inteira praticamente não comenta o teor cultural das parcerias e negociações sublinhando o humor e deslumbramento dos atores sociais da comunidade que, segundo a matéria, nem se interessam por vezes pelas celebridades que freqüentam o morro. Se os movimentos comunitários buscam aumentar a auto-estima das comunidades, a do Dona Marta já está bem lá no alto, dispensando os encontros e ações propostas por pesquisadores como tive oportunidade de observar. Dizia a coordenadora do grupo de moda “Costurando Ideais” que não estava interessada em projetos com a UFRJ, pois, não se interessava em criar cooperativa para efeitos de poder dar recibos contra os benefícios recebidos. Segundo ela, a Prefeitura estava bem ali sem exigir nada em troca do incentivo turístico à região. A situação geral da narrativa

¹² FONSECA, Rodrigo. “O morro vai a Cannes”. In: *O Globo*, 16 de abril de 2010, p. 1. Segundo Caderno.

¹³ CARVALHO, Mario César. “Exposição revela um novo olhar sobre as favelas”. In: *Folha de S. Paulo*, 8 de abril de 2010, p. E-4. Ilustrada.

mediática é confusa entre inauguração de bondes turísticos, elevadores (no Cantagalo), muros e ações de pacificação ora retratadas como plenamente vitoriosas, ora ameaçadas pela venda de drogas a céu aberto em espaços já ocupados pelas UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora). No Morro da Providência onde proximamente as UPPs estarão em ação, três jovens foram mortos pelo simples fato de descer de um baile *funk*. Ação do Exército que não respeitou o espaço de ação da polícia estadual.¹⁴

A superficialidade dos relatos da mídia parece sugerir o sucesso definitivo das periferias assediadas por diretores de filmes, artistas e turistas. O êxito está presente na manchete “Favelas viram as grandes estrelas”,¹⁵ mostrando que as favelas andam mesmo em alta na indústria cultural *made in Rio*. Por ocasião do carnaval na Marquês de Sapucaí as Escolas de Samba Portela, Unidos de Vila Isabel e Estação Primeira de Mangueira trouxeram carros alegóricos com representações bem particulares dos morros cariocas. Na Azul e Branco de Madureira, a favela simboliza com o carro “Conquistando a liberdade”, a inclusão digital como forma de contribuir para a paz no Rio. Também as UPPs são apontadas no enredo como solução para a cidade. As diversas ligações entre comunidades e a cultura da moda, da música, sem dúvida mereceriam análises mais apuradas por parte das matérias jornalísticas que preferem ressaltar as cores vivas projetadas pelas novas obras sem detalhes para o *modus operandi* das parcerias que geram sustentabilidade. A opinião da comunidade vem narrada num registro que oscila entre passividade e deslumbramento. A desinformação sobre o assunto periferia inclui a pintura da fachada das favelas entre as quais está incluída a do Morro do Alemão que atualmente é sede da maioria dos traficantes provenientes das zonas ocupadas pelas UPPs.¹⁶

Imagens periféricas

O cinema hoje abdica em parte do fardo sociológico que carregava no cinema novo preocupando-se mais em captar o estilo pessoal dos atores sociais. Um bom exemplo é o filme “Sonhos roubados”, de Sandra Werneck, em que três amigas vivem o dia-a-dia da favela construindo seus destinos no cruzamento das relações familiares, amorosas e de trabalho. Tudo fazem pelo consumo e pelo “estilo” numa série de escolhas que nos faz pensar em

¹⁴ TARDÁGUILA, Cristina. “O Exército, o político, o morro e a morte”. In: Revista *Piauí*, Ano 4, N. 46, julho 2010. p. 34-39.

¹⁵ GALDO, Rafael. “Favelas viram as grandes estrelas”. In: *O Globo*, 14 de fevereiro de 2010, p. 18. Rio.

¹⁶ BASTOS, Isabela; MAGALHÃES, Luiz Ernesto. “Cores vivas nas favelas”. In: *O Globo*, 24 de fevereiro de 2010, p. 16. Rio.

Gilles Lipovetsky¹⁷ e seu *O império do efêmero* quando fala dos processos de personificação construídos incessantemente. As meninas e seus corpos oscilam numa constelação de valores e escolhas que parecem se equilibrar e equivaler num clima de deriva que ao final do filme parece resultar em liberdade prazerosa. Transar ou não transar, pintar o cabelo ou não, escolher este ou aquele objeto, procurar o pai, fazer festa de quinze anos, ajudar o avô, namorar presidiário etc, etc. Um exemplo perfeito da deriva a que se refere Sennett¹⁸ ao descrever o capitalismo flexível.

Nossa hipótese é que a mídia no afã de criar novos olhares sobre a periferia continua alternando a demonização deste mundo com a crescente implementação de ficções românticas que se inclinam em variadas direções. No cinema, valores como liberdade de opções, estratégias de resistência e comportamentos estilosos na modelagem *sex and the city* são exemplos. Discutimos a real possibilidade de intervenção e recriação dos sentidos pelos atores sociais da periferia as possíveis manipulações da indústria cultural. Grande parte dos relatos da mídia contemporânea não apresenta um grau de processualidade que permita refletir sobre as interações entre a comunidade e as instituições estatais e/ou privadas que se dedicam a criação da sustentabilidade destas áreas que na cidade começam a serem ocupadas/pacificadas pelas UPPs cercadas por muros a espera da Copa do Mundo ou das Olimpíadas. Quando chegamos à Cidade do Rio de Janeiro passando pela Linha Vermelha podemos apreciar os simulacros da favela que estes painéis substituem: casario pobre, grafites e outras representações criadas frequentemente no computador.

Nosso propósito é tentar refletir como a periferia afirma, negocia ou recusa a imagem disseminada pela mídia, o que está sendo realizado em contatos não sistemáticos com algumas comunidades. O depoimento de Ferréz é significativo:

E a mudança? Orientar sobre gravidez precoce, sobre o uso de drogas, montar uma campanha real para nossos meninos e meninas desvalorizados, estigmatizados, pelos olhos da elite, do próprio povo e por todos os meios de comunicação. Não podemos só mostrar a consequência, temos que mostrar a causa (FERRÉZ, 2006: A3).

¹⁷ LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*; tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹⁸ SENNETT; Richard. *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*; tradução Marcos Santarrita, 13 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Referências bibliográficas:

BASTOS, Isabela; MAGALHÃES, Luiz Ernesto. “Cores vivas nas favelas”. In: *O Globo*, 24 de fevereiro de 2010. Rio.

BOLLON, Patrice. *A moral da máscara*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BOURDIEU, P. *Distinction: a social critique of the judgment of taste*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

CALVINO, Ítalo. *Cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*; tradução Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARVALHO, Mario César. “Exposição revela um novo olhar sobre as favelas”. In: *Folha de S. Paulo*, 8 de abril de 2010. Ilustrada.

DAVIS, Mike. *Planeta favela*; tradução Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.

FERRÉZ. “Antropo(hip-hop) logia”. In: *Folha de S. Paulo*, 5 de abril de 2006. Opinião.

FONSECA, Rodrigo. “O morro vai a Cannes”. *O Globo*, 16 de abril de 2010. Segundo Caderno.

GALDO, Rafael. “Favelas viram as grandes estrelas”. In: *O Globo*, 14 de fevereiro de 2010. Rio.

IANNI, Octavio. *A era do globalismo*, 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*; tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Revista *Observatório Itaú Cultural / OIC*, n. 5, (abr/jun, 2008). São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

SANSOT, Pierre. *Les gens du peu*. Paris: PUF, 1991.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*; tradução Marcos Santarrita, 13 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SIMMEL, Georg. *La parure et autres essais*; traduction et presentation Michel Collomb, Philippe Marty et Florence Vinas. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l’homme, 1998.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2006.

TARDÁGUILA, Cristina. “O Exército, o político, o morro e a morte”. In: Revista *Piauí*, Ano 4, N. 46, julho 2010.